O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8231651

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

BULLYING NA ESCOLA: O TRABALHO DA GESTÃO ESCOLAR E DO PROFESSOR EM FACE A ESSE FENÔMENO

Dennys Gomes Ferreira[1]

João Guilherme Rodrigues Mendonça[2]

Resumo

O presente artigo tem como tema o trabalho do gestor escolar e do professor em face do fenômeno do *bullying* na escola. Tem por objetivo refletir sobre o papel do gestor e do professor diante do fenômeno *bullying* no contexto escolar, assunto que está em evidência e tem sido abordado com frequência por pesquisadores, professores, psicólogos, entre outros profissionais de diversas áreas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que tem como método a pesquisa-ação, cujos dados foram coletados por meio de questionário diagnóstico direcionado a 24 alunos do 8º ao 9º anos de uma escola municipal, situada no bairro Lago Azul, zona norte da cidade de Manaus/AM, e de rodas de conversa realizadas com seis professores da referida escola. O questionamento norteador é como gestores e professores devem agir ao perceberem ações de *bullying* nas escolas? O referencial teórico no qual apoia este trabalho perpassa por Almeida (2014); Felizardo (2019); Ferreira; Mendonça (2023); Siqueira; Modesto; Bessa (2023), entre outros estudiosos. O resultado após todo o processo é de que a hipótese de se criar projetos e atividades diversas no contexto da escola, expandindo para fora dela também, é o melhor caminho para se prevenir e combater as práticas de *bullying* no contexto escolar.

Palavras-chave: *Bullying*; Gestor Escolar; Professor.

Abstract

The theme of this article is the work of the school manager and the teacher in the face of the phenomenon of bullying at school. It aims to reflect on the role of the manager and the teacher in the face of the phenomenon of bullying in the school context, an issue that is in evidence and has been frequently addressed by researchers, teachers, psychologists, among other professionals from different areas. This is a qualitative research, which uses action research as a method, whose data were collected through a diagnostic questionnaire directed at 24 students from the 8th to the 9th grade of a municipal school, located in the Lago Azul neighborhood, in the north zone. From the city of Manaus/AM, and conversation circles held with six teachers from that school. The guiding question is how should managers and teachers act when they perceive bullying in schools? The theoretical framework on which this work is supported runs through Almeida (2014); Lucky (2019); Ferreira; Mendonça (2023); Siqueira; Modest; Bessa (2023). Among other scholars. The result after the whole process is that the hypothesis of creating different projects and activities in the context of the school, expanding outside it as well, is the best way to prevent and combat bullying practices in the school context.

Keywords: Bullying; School Manager; Teacher.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um fenômeno que revela os preconceitos e as discriminações presentes na sociedade, através de crianças e adolescentes que praticam violência contra aqueles que são diferentes ou considerados "inferiores". Essas atitudes são reflexos dos valores disseminados pela sociedade como um todo, que acabam sendo assimilados por jovens em ambientes escolares. A diversidade cultural e

[1] Gestor Escolar. Mestre em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: dennys.ferreira@semed.manaus.am.gov.br

[2] Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: jgrmendonca@bol.com.br

social do Brasil é um dos fatores que contribui para a disseminação de atitudes discriminatórias e preconceituosas, em relação à classe social, à raça, à etnia, à religião, à diversidade sexual e à aparência física. Apelidos ofensivos e agressões verbais e físicas são vistos como brincadeiras inofensivas, mas na verdade, têm graves consequências físicas e psicológicas para as vítimas.

Esse cenário desolador reflete uma sociedade preconceituosa e discriminatória que julga seu semelhante pelas diferenças. Infelizmente, a base da sociedade moderna não foi construída com o princípio de respeitar as diferenças individuais, o que impede que aqueles que não se encaixam no padrão imposto pela sociedade possam exercer plenamente sua cidadania e viver em segurança. E isso tem sido cada vez mais presente em diversos espaços, inclusive, no escolar.

Sendo a escola um espaço onde a criança e o adolescente, em muitos casos, passam mais tempo do que nas próprias casas, ela torna-se um ambiente favorável para o acometimento de ações como apelidos, zombarias, preconceito, racismo, desrespeito de modo geral, entre outros. Ou seja, é na escola que o *bullying* se apresenta de maneira mais latente, mais evidente. Dessa maneira, gestores, professores e profissionais da educação precisam ter um olhar atento, a fim de perceber esses casos e agir de forma coerente e com autoridade.

Contudo, nem sempre essa atenção cuidadosa é percebida nas escolas, sendo elas públicas ou privadas, uma vez em que tais ações podem ser negligenciadas ou minimizadas, o que pode ocasionar sérios danos tantos para os agredidos quanto para os agressores.

A escola como espaço formador de um ser consciente e comprometido socialmente deve igualmente desenvolver este conjunto de valores, de atitudes, de tradições, entre outros, baseado no respeito mútuo e na defesa da liberdade individual. Por isso, cabe ao gestor assumir uma postura que deixe clara a intolerância com a violência na escola, e que toda e qualquer ação nesse sentido seja adotada e ponderada por todos os profissionais da instituição.

Cabe à gestão escolar refletir acerca dos desafios que envolvem a prática do *bullying* no âmbito escolar, onde os princípios devem estar voltados para uma cultura de paz, para a superação de desigualdades e de exclusão de alunos. Os alunos devem ter seus direitos respeitados, seus deveres exigidos e devem ser criados espaços que fomentem a abertura ao diálogo e à pluralidade.

A escola, como um todo, precisa desempenhar o seu papel da melhor forma possível, pois este acompanhamento escolar possui alta relevância, ela é responsável por buscar técnicas e soluções no que diz respeito à diversidade e aos conflitos. Por isso, faz-se necessário que, especialmente o docente, profissional que está em contato direto com o aluno e que, por isso, torna-se capaz de captar várias ações, sejam elas de coleguismo ou de animosidade, aja com segurança e firmeza ao perceber que

alguma coisa está fugindo dos padrões da normalidade de um bom relacionamento, inclusive, levando o caso para a direção, quando for necessário.

Este artigo traz à baila uma discussão acerca do *bullying* na escola, na perspectiva do trabalho que deve ser desenvolvido pela gestão e pelos docentes, a fim de prevenir e de combater esse tipo de violência. A escolha por esse tema deu-se pelo desejo de apresentar o impacto das discussões realizadas em um grupo focal composto pela gestão e pelos professores de uma escola pública da periferia de Manaus.

O objetivo deste artigo é refletir acerca do papel do gestor e do professor em face do fenômeno *bullying* no contexto escolar. O questionamento apresentado para discussão é: como gestores e professores devem agir ao perceberem ações de *bullying* nas escolas? A hipótese levantada é de que é necessário criar ações que fomentem a reflexão tanto de professores quanto de alunos acerca do combate ao *bullying* e que, havendo a prática de tal violência, seja combatida com ações firmes, pois é a segurança no agir que vai conduzir o aluno a, também, se sentir amparado, mesmo respondendo por seus atos. Para a elaboração do referencial teórico foi realizada a pesquisa bibliográfica por intermédio da revisão de literatura, utilizando diversos autores que passaram a compor as bases conceituais desta pesquisa. Os estudos relacionados ao trabalho do gestor escolar e o papel do professor diante do fenômeno *bullying* tiveram como teóricos: Almeida (2014); Felizardo (2019); Ferreira; Mendonça (2023); Siqueira; Modesto; Bessa (2023) entre outros.

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada "O fenômeno *bullying* no contexto escolar: possibilidades interventivas", pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A discussão aqui apresentada deu-se tomando por base os dados coletados por meio de rodas de conversas com os professores, nomeados de P1, P2, P3, P4, P5 e P6, e de questionário realizado com alunos, de onde foram retirados subsídios para as oficinas realizadas, envolvendo os dois tipos de participantes da pesquisa, todos eles oriundos de uma escola pública localizada na periferia de Manaus. O questionário constava de 11 (onze) perguntas de múltipla escolha, sendo que algumas delas pediam que fosse justificada a resposta.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que tem como método a pesquisa-ação, cujos dados foram coletados por meio de questionário diagnóstico direcionado a 24 (vinte e quatro) alunos do 8º ao 9º ano da escola municipal supramencionada que fica situada no bairro Lago Azul, zona norte da cidade de Manaus/AM, e de rodas de conversa realizadas com seis professores da referida escola, visando explorar o conceito de *bullying* e identificar situações dessa prática.

As discussões e reflexões com os dados alcançados foram ampliadas nas rodas de conversa, a partir dos resultados dos questionários respondidos pelos alunos. Por fim, verificou-se, por meio do grupo focal realizado com os professores e pelo questionário aplicado aos alunos, que o *bullying* está presente na referida escola com frequência significativa, acarretando inúmeros prejuízos à vida dos estudantes. Além disso, percebeu-se que inexistem ações ou projetos efetivos por parte da gestão escolar voltados para o enfrentamento ao problema, o que agrava ainda mais a situação vivenciada pelos alunos.

De posse dos dados, professores e alunos compuseram um único grupo em que foram realizadas oficinas, visando o combate e a prevenção ao *bullying*, e nessas oficinas também se discutiu as causas e as consequências da prática tanto para os agressores, quanto para as vítimas e as testemunhas. Diante da realidade, fez-se necessário elaborar, coletivamente, no espaço escolar, por meio da pesquisa-ação, intervenções com estratégias para a prevenção e/ou redução do *bullying* naquele contexto, e, assim, contribuir na formação cidadã e no desenvolvimento pleno do ser humano. Porém, o foco neste artigo será para a parte final da pesquisa, quando os professores e a direção da escola fizeram uma reflexão mais aprofundada da conjuntura de *bullying* da unidade escolar e, nesse contexto é que será feita uma análise do impacto que todo esse trabalho teve para a escola *lócus* da pesquisa.

Este artigo está estruturado em cinco subseções, sendo elas: a primeira consta a introdução, que tem como finalidade apresentar a justificativa, a problemática da pesquisa e as reflexões que tratam do trabalho da gestão escolar e do professor diante do fenômeno *bullying*. A segunda subseção tem como subtítulo "O trabalho do gestor escolar face ao fenômeno do *bullying*". A terceira subseção apresenta "O papel do professor diante do *bullying"*. Na quarta subseção é apresentada uma "Análise das propostas advindas das discussões". A quinta subseção tem como subtítulo "O que esse momento significou para os professores?" e na sexta dialoga-se acerca de "Qual o impacto das discussões na gestão escolar?". Julga-se salutar trazer à baila essas duas últimas análises, mostrando excertos de fala que comprovem o que é apresentado, posto que professores e gestor trabalharam juntos tanto no levantamento dos dados quanto na realização das oficinas com os alunos. Todas essas reflexões serão seguidas da conclusão e das referências.

O TRABALHO DO GESTOR ESCOLAR FACE AO FENÔMENO DO *BULLYING*

Ainda que a prática da gestão seja interpretada a partir de um contexto mais administrativo, é importante considerar que no âmbito da escola a ação de um gestor também envolve a prática pedagógica. Afinal, conforme Tessaro; Trevissol (2020), as pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a exemplo da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE),

apontam que os casos de *bullying* têm ganhado relevo significativo nos últimos anos, o que, a nosso ver, representa um peso negativo nas relações interpessoais no contexto escolar.

Essa realidade leva a uma reflexão que deve ser feita constantemente por toda a comunidade escolar: Qual o papel da escola frente aos desafios impostos pela prática do *bullying*? A resposta imediata que surge é que esse papel perpassa por preparar o aluno para o convívio social e para o mundo profissional. Dessa forma, para alcançar essa missão, torna-se salutar que se vivencie uma educação verdadeiramente inclusiva para todos, indistintamente, desde alunos, professores, funcionários e gestores, pois qualquer um deles pode ser vítima de *bullying*, por não estar inserido nos padrões impostos pela sociedade, ou seja, de acordo com Siqueira; Modesto Bessa (2023), qualquer um "[...] pode ter sido motivo de piadas, cochichos e risadinhas, por grupo de alunos [...]" ou por quaisquer outras pessoas que acham que as diferenças são motivo para se praticar o *bullying*.

Este triste cenário é o reflexo de uma sociedade preconceituosa e que discrimina o seu semelhante pelas diferenças. Conforme nos aponta Dreyer (2015), a base da sociedade contemporânea não foi construída na perspectiva do respeito mútuo às diferenças que cada indivíduo possui, impedindo que as pessoas que se diferenciam do senso comum possam exercer livremente a sua cidadania ou viver em segurança.

Faz-se necessário intervenções constantes na tentativa de prevenir ou combater o *bullying* no cotidiano escolar e, para isso, é preciso que todos se comprometam. À escola cabe cumprir o seu dever de formar cidadãos éticos, que entendem a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça social e da solidariedade; aos alunos cabe o papel de compreender o processo e colaborar com as ações da escola na tentativa de não executar ações que caracterizem o *bullying*; a função de observadores é dos professores que estão constantemente ao lado dos alunos, de quem será tratado mais à frente deste artigo; à gestão, além da observação em parceria com os docentes, está o dever de fazer valer a prática da dignidade humana, de gerenciar as ações voltadas para o bom andamento da escola .

Assim, vale ressaltar que o sucesso da gestão é resultado de um trabalho conjunto que envolve o gestor, a coordenação, os professores, os alunos e demais funcionários, estendendo a todos os setores da escola e à comunidade externa, não se limitando aos pais de alunos, mas envolvendo também os colaboradores em geral, todos precisam caminhar juntos em função do alcance de objetivos e metas que sejam de interesse comum a todos os envolvidos no ambiente escolar. Seguindo os rastros desse raciocínio, Silva (2011, p. 86) diz que:

> O gestor escolar atua em conjunto, em parceria com os professores, demais funcionários da escola e famílias, sempre levando em consideração que sanções e limites não são suficientes, ou mesmo a identificação das causas do baixo rendimento escolar e encaminhamentos para áreas afins: a violência vai além de tudo isso, enfraquece, desestimula e entristece.

Uma gestão democrática prima pela escuta, pela cooperação mútua, rompe com preconceitos e com preceitos. Essa parceria se efetiva por meio das ações compartilhadas com todos da comunidade escolar e, como diz Silva (2011), nem sempre sanções e limites resolvem os problemas. Por vezes, as punições mais severas são necessárias e precisam ser acompanhadas dos responsáveis.

Assim também acontece com as práticas de *bullying* que não devem passar despercebidas, tampouco impunes, a fim de se evitar que ganhem espaço e se multipliquem, especialmente porque tais atitudes podem surgir camufladas em brincadeiras. Ferreira; Mendonça (2023, p. 117) afirmam que é "[...] possível diferenciar a intimidação do bullying de outras agressões pela frequência e pela intencionalidade [...] e a considerável diferença de poder entre os alunos ofensores e as vítimas". Com um olhar mais atento fica fácil de esses atos serem identificados.

Um dos objetivos comuns a todos os envolvidos deve ser a prevenção ao *bullying*, pois prevenindo não haverá necessidade de combate que, certamente, será mais doloroso para todos. O papel do gestor escolar é fundamental para auxiliar os professores e outros profissionais nas questões que envolvem a temática. Isto posto, é mister ratificar que as práticas escolares devem ser pautadas na ética, nos valores e nos princípios consistentes, naquilo que determina modos de ser das pessoas dentro de uma sociedade. É preciso que se vislumbre ações transformadoras e não opressoras.

Luck (2012) denota que o gestor deve mobilizar, orientar e coordenar o trabalho das pessoas para que estas deem o melhor de si em ações que apresentem caráter sociocultural e que estejam voltadas para a melhoria contínua da qualidade do ensino e da aprendizagem. O gestor deve possuir uma rotina proativa com entusiasmo e expectativas altas para atuar com capacidade de influenciar os resultados, isto é, ele deve ser flexível, aberto à participação da comunidade escolar, assim como sua gestão deve possibilitar uma visão mais abrangente dos problemas educacionais e da própria organização escolar.

Desse modo, Souza *et al.* (2017) defendem que o trabalho do gestor escolar é relevante no âmbito educacional. Ele é quem assume a função do articulador, estimulador de ações, é ele quem impulsiona a tomada de decisões frente ao grupo de trabalho. Enfim, ele é um dos principais responsáveis pelo espaço coletivo de discussão que se forma no meio escolar.

A rotina do gestor escolar, embora seja pré-definida por um calendário, permite-o organizar o seu tempo frente às inúmeras demandas do seu cotidiano, envolvendo questões burocráticas administrativas. Entretanto, existem situações que são definidas apenas com a presença dele na escola, como a resolução de conflitos que acontecem no espaço escolar entre alunos, funcionários e até entre pais; o atendimento individual aos pais e/ou responsáveis pelos alunos; as realizações de reuniões de pais e direção; período de matrículas; momentos de visitas da coordenadoria ou de representantes da secretaria de educação, entre outras. Assim, é difícil para o diretor ausentar-se da escola sem aviso

prévio ou sem motivo que justifique essa ausência. Não obstante, a coordenação pedagógica cumpra as funções na ausência do diretor, a presença física do gestor é de relevância alta, a fim de fazer as coisas andarem sem protelação de ação.

Souza *et al.* (2017) acrescentam que, quanto ao espaço escolar, este se constitui num lugar de socialização e de interação para as crianças e adolescentes, justamente por esse motivo é um espaço onde se concentram pequenos e grandes conflitos, entre eles os conflitos oriundos das práticas de *bullying*. É necessário que haja uma atenção concentrada nesse aspecto, uma vigilância por parte dos gestores, pelo fato de, muitas vezes, esse tipo de violência ser silenciosa e não ser praticada aos olhos de quem dirige ou de quem orienta uma escola.

Obviamente, todos almejam um ambiente em que os estudantes se sintam seguros e acolhidos para favorecer o desenvolvimento pleno dos educandos, mas nem sempre isso é possível em um espaço onde a diversidade em todas as dimensões está em evidência. Nesse sentido, aconselham Souza *et al*. (2017) que é importante denunciar atitudes que envolvem a violência e ao mesmo tempo prevenir aos estudantes em relação à proteção, sobre o melhor caminho a seguir.

A prevenção poderá ser feita durante todo o ano letivo em eventos específicos com os alunos e/ou com alunos e respectivas famílias, por meio de palestras, debates, mesas-redondas etc. O trabalho preventivo é de extrema importância para alertar e conscientizar aos alunos acerca das mais variadas formas de *bullying*, isso os ajudará não só na identificação, também na convicção de que, sendo vítimas, eles terão com quem contar.

Com base no que preconiza Almeida (2014), é possível afirmar que, caso os comportamentos de *bullying* sejam uma realidade e não sejam do conhecimento dos dirigentes, professores e demais funcionários, e sendo, sejam ignorados por eles, e as vítimas não tenham uma resposta consistente por parte dos profissionais que desempenham funções educativas, a tendência é que esse quadro situacional aumente com o passar do tempo, ou seja, a impunidade será um dos motivadores para a prática. Aumentando os episódios, não há como ter previsibilidade do que poderá acontecer, uma vez que a tendência é que aumente não apenas os casos, mas as formas de prática de *bullying*.

Nessa perspectiva, Schultz *et al.* (2012) denotam que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre os alunos, provavelmente, desconhecem a problemática ou então se negam a enfrentá-la, negligenciando, dessa forma, a assistência que devem dispensar às vítimas e, também, aos praticantes. Consequentemente, o espaço escolar em que não é admitida a ocorrência de *bullying* tende a ter incidências maiores dessa prática e corre-se o risco de haver perda de controle da situação e isso tomar uma dimensão incalculável e até irreversível, necessitando da intervenção de forças policiais. Quanto ao que poderá acontecer com as vítimas é algo imprevisível que pode trazer consequências irreversíveis.

Assim, as estratégias utilizadas para intervenção requerem que a gestão, bem como os outros profissionais e a comunidade no geral, reconheçam a existência desse conflito que envolve relações interpessoais e estejam conscientes dos prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socio-educacional do educando (CÉZAR; PASSOS; CASTILHO, 2017). Muitos dos estudantes vítimas de *bullying* veem-se obrigados a abandonar os estudos, outros entram em quadros depressivos que poderão resultar em desfecho nada desejável, tanto que, nesses casos a vítima passa a ser o violentador.

Afinal, a escola não pode ser apenas um ambiente de ensino formal e cultural, mas precisa ser também de formação cidadã, de direitos e deveres, de amizade, de cooperação e de solidariedade. Agir contra comportamentos agressivos é uma forma eficiente de diminuir a violência entre estudantes e a sociedade em geral. Por isso, as ações de combate são tão relevantes e precisam da envoltura de todos da unidade escolar onde o *bullying* se faz presente.

De acordo com Mascarenhas (2006), o gestor escolar, com raras exceções daqueles que procuram se qualificar por desejo próprio, não possui formação necessária ou conhecimento suficiente para conduzir casos de caráter psicológico ou psiquiátrico. Entretanto, é importante ter consciência da responsabilidade de estar atento à mudança de comportamento dos alunos, acionar a família e buscar orientação e ajuda de outros profissionais para a realização de ações e intervenções que, efetivamente, irão ajudar os jovens que passam por momentos de extrema vulnerabilidade.

> O gestor e os profissionais que trabalham na escola devem a priori planejar o diagnóstico e a prevenção da indisciplina no estabelecimento onde atuam no sentido de fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania contribuindo para o fortalecimento de fundamentos da sociedade que se quer democrática, justa e solidária (MASCARENHAS, 2006, p. 100).

O autor ressalta a relevância da coletividade, do diagnóstico, do planejamento, a fim de possibilitar que as ações respeitem o ser humano e ajam, efetivamente, na raiz do problema, pois um tratamento eficaz se dá por meio do combate às causas. O olhar atento de todos que estão envolvidos no processo educativo contribui para que atitudes de violência de qualquer natureza sejam minimizadas dentro da escola, facilitando que as ações de prevenção e redução sejam efetivas e eficazes. Os autores Cruz; Lopes; Oliveira (2017, p. 17) chamam a atenção para o fato de que:

> É importante ressaltar a importância de lembrar que ações podem ser tomadas na prevenção e na redução ao *bullying*, incentivando uma maior interação com a família, as associações de moradores e órgãos públicos; equipando melhor as escolas; envolvendo os alunos nos diversos processos que acontecem na escola; promovendo a formação continuada de professores e buscando informação e apoio em outros órgãos e instituições.

Outra questão relevante apontada por Cruz, Lopes e Oliveira (2017) é a questão de as escolas estarem equipadas de forma a favorecer a paz, o respeito entre os alunos e um trabalho qualificado por parte dos professores. Uma equipe coesa e estimulada é capaz de realizar um trabalho profícuo com

mais facilidade e eficiência. E quem gerencia todas essas intervenções? Logicamente, aquele que se encontra à frente de todo o processo: o diretor.

Para potencializar as tratativas atinentes, o gestor escolar deve ser o incentivador e o articulador, para, juntamente com os professores, funcionários da escola, pais e alunos promoverem ações que viabilizam a construção da cidadania, a busca pela excelência e eficácia de uma comunidade voltada para o respeito às diferenças, o estímulo ao protagonismo juvenil, à formação de alunos com participação política, tornando-os mais críticos, trabalhando numa perspectiva da cultura da paz e da não violência. É, como já mencionado anteriormente, um trabalho coletivo, em que não se buscam culpados ou responsáveis, mas as causas, as consequências e as possíveis soluções a serem implementadas para a cura do problema; é o método do "Ver, Julgar e Agir".

Uma escola que trabalha a formação de pessoas críticas, que prima pelo empenho dos docentes na melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem dos alunos, cujo coordenador pedagógico oferece formação continuada efetiva aos professores, alcança resultados eficazes que impactam diretamente no comportamento dos docentes e, consequentemente, nos bons resultados dos alunos. Vale lembrar que uma escola bem gerida colhe bons resultados, e um bom diretor nunca trabalha sozinho, mas sempre em coletividade, ele apenas lidera a equipe.

O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO *BULLYING*

Conforme já aludido anteriormente, o papel dos professores é de extrema importância na escola, especialmente nos casos de *bullying*, uma vez que tais ações podem acontecer dentro das salas de aula, durante o trabalho pedagógico. Cabe, então, aos docentes ficar atentos, observando toda e qualquer situação em que identifiquem a prática do *bullying,* tendo a sensibilidade de compreender que não se trata de uma indisciplina apenas, mas de um comportamento que fere, que atinge a fundo a vítima e que precisa ser olhado com a importância merecida e tomadas as medidas cabíveis. Toma-se posse do que aponta Felizardo (2019) ao mencionar que ao professor cabe observar atentamente as relações interpessoais dos alunos. É em ocasiões como trabalhos em grupo ou jogos que tais atitudes mais se afloram, como quando a vítima é o último participante a ser escolhido, quando é alvo de "gozações", quando recebe apelidos, mesmo aqueles que parecem inofensivos e pueris.

Reações das mais adversas precisam ser percebidas pelos professores, pois, geralmente, uma vítima de *bullying* tende a ter comportamentos variados, como: tristeza, isolamento, fica deprimido, aflito, ansioso, irritadiço, agressivo ou retraído. Além disso, pode apresentar queda no rendimento, não

participa das aulas, apresenta um alto índice de absenteísmo e pode apresentar marcas no corpo, resultado de automutilação.

Ao falar de *bullying* na escola, logo, uma parcela da responsabilidade de todo o processo recai sobre o professor, pois ele estabelece um vínculo contínuo e duradouro com a criança, ou seja, presumimos que as intervenções imediatas partam dele que será o primeiro a notar as ações. Nesse sentido, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conhecimentos para ser um orientador, que estimula o desenvolvimento a partir de interações construídas no envolvimento com a classe. De acordo com Lopez (2011), o papel do professor como mediador é definido como aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, possibilitando aprender as regras e os princípios para que sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo o desenvolvimento. O papel do professor é facilitar a socialização da criança/adolescente na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender às necessidades destes.

Conforme já abordado, o *bullying,* lamentavelmente, faz-se muito presente no âmbito escolar, muitas vezes longe dos adultos, dos membros da direção da escola e demais funcionários, durante os intervalos. Embora essa seja a forma mais comum, ações de *bullying* podem ocorrer também na presença do professor, num momento de distração deste, sendo muito comum, ainda, nas salas de aula quando os professores não estão prestando atenção em seus alunos por estarem sobrecarregados, com salas superlotadas, ministrando conteúdo, concentrado nos atendimentos individuais, durante a chamada ou até mesmo quando o aluno percebe que o professor não tem conhecimento sobre o assunto.

Muitas vezes o professor pode chamar a atenção de um aluno, pensando em expor seu comportamento infundado em relação a algum colega, na tentativa de que tal atitude sirva de exemplo aos demais para não cometerem o mesmo ato. Porém, a atitude não deve ser apenas essa. É importante que sejam adotadas ações que visem inibir tal prática, que levem todos os alunos a serem mais respeitosos e solidários uns com os outros.

É relevante que o professor transmita aos alunos a importância do respeito, da amizade e do companheirismo, pois, com isso, poderá conseguir mudar a realidade do *bullying,* poderá obter ao longo do tempo novas atitudes de todos, novos comportamentos. O fenômeno precisa ser visto pelos professores como algo além do contexto da sala de aula, pois é necessário a valorização de certos padrões em detrimento de outros, nesse caso, desmerece-se os que favorecem a violência. Como defende Oliveira (2012), o ambiente da sala de aula deve ser não apenas para se adquirir habilidades e competências, é, também, onde se aprende valores por meio dos temas transversais que ajudam a reduzir as práticas de *bullying*. Conscientizar os alunos através de projetos extracurriculares pode ser considerado educação de valores e deve ser inserido no currículo escolar, ao invés de ser apenas projeto.

Afinal, segundo Valentim (2020, p. 100), "O professor, mediador, e o aluno, protagonista, se envolvem na construção do conhecimento, ressignificando as práticas escolares", e essa deve ser a primazia da escola, a fim de cumprir seu papel social.

O ambiente escolar, sendo um fator de prioridade, é onde se definem planos de ações para atacar a raiz da causa do preconceito, do racismo, da intolerância; a escola adquire ferramentas que são capazes de promover o crescimento, definir e organizar condições básicas relevantes para que haja o desenvolvimento de tais práticas de maneira consistente e com sustentabilidade, é necessário que o professor seja ser inquieto e trabalhe com todos os fatores que envolvem a rotina.

Isso implica o papel decisivo que os professores desempenham na prevenção e no combate ao *bullying*. Por um lado, eles possuem um papel norteador no que se refere à fase escolar na vida do aluno e, por outro, estão presentes na maioria dos espaços que as situações de violência ocorrem, como é o caso das salas de aula e dos corredores. Sendo assim, os professores representam a segunda posição dos que mais testemunham situações de violência no ambiente escolar. O professor que é aberto para novas metodologias de trabalho interdisciplinar compreende que o processo de ensinar e aprender compreende, também, desbravar novas descobertas, explorar novos caminhos para o conhecimento. Por isso, na visão de Godoy (2014), o professor torna-se um pesquisador e, consequentemente, estabelece a interdisciplinaridade como um novo método científico de ensino.

Pesquisas sobre programas de combate ao *bullying* apontam características efetivas na elaboração de intervenções. Entre elas, segundo Gaffney, Ttofi; Farrington (2021), estão a promoção de mudanças de comportamento, a inclusão de crianças e adolescentes mais jovens nas ações, a participação dos pais e dos professores nos programas e reuniões, a formação docente, a conscientização e o apoio aos alunos envolvidos nesse tipo de violência.

ANÁLISE DAS PROPOSTAS ADVINDAS DAS DISCUSSÕES

Esta subseção é dedicada à análise dos dados coletados no grupo focal em reunião posterior à realização de oficinas em que foram discutidas situações de *bullying* com a gestão escolar, professores e alunos do 8º e do 9º ano. Com esse encontro, pode-se retirar dados que incidirão sobre o papel do gestor e dos professores mediante ações de *bullying* na escola.

Sendo assim, a roda de conversa iniciou com a contextualização de todo o processo, partindo do planejamento que antecedeu a execução das oficinas desenvolvidas ao longo da pesquisa, até chegar aos resultados obtidos a partir dessas atividades. O pesquisador, então, fez uma recapitulação das oficinas para que os participantes da roda de conversa retomassem as discussões e pudessem com mais clareza

reconhecer o papel que cada um, dentro de sua função na escola, pode desenvolver na prevenção e combate ao *bullying*.

Após retomar todas as oficinas que foram desenvolvidas durante a pesquisa, o pesquisador pediu que os professores falassem sobre as atividades que mais chamaram a atenção, a fim de não tornar a roda de conversa tão repetitiva e cansativa. Depois da exposição dos presentes, o pesquisador questionou aos professores acerca da avaliação dos resultados das oficinas e sobre as ações que poderiam propor para prevenir ou combater o *bullying*.

Mediante as falas, pode-se abstrair várias ações, as quais serão apresentadas e analisadas, paulatinamente, e cuja responsabilidade de execução fica a cargo dos gestores e dos professores:

> **P3**: As atitudes dos pais no trato com as pessoas em geral servem de modelo para os filhos, para o bem ou para o mal, porque "ensinam" aos filhos como devem tratar os colegas. Dessa forma, sugiro que seja realizada, futuramente, **uma roda de conversa com os pais**, para que eles também possam se conscientizar dos impactos que o *bullying* ocasiona na vida dos seus filhos, tanto para quem agride, quanto para quem é agredido. Nesse espaço, as psicólogas serão fundamentais, pois poderão instruí-los, caso eles precisem de ajuda em como lidar com suas emoções, sentimentos e ações, para que seus filhos não absorvam uma postura agressiva ou hostil que, porventura, eles possam vir a ter.

É comum observar que alunos que praticam intimidação possuem características semelhantes às de membros de suas famílias. Pais que não mantêm relacionamentos saudáveis com seus filhos podem influenciá-los negativamente, conforme apontado por Felizardo (2017). Sendo algumas causas do *bullying* de caráter familiar, Silva (2010) aponta as principais delas como: a falta de limites dos filhos; as experiências com dificuldades momentâneas, como a separação dos pais, e até mesmo a presença de comportamentos transgressores como base estrutural de suas personalidades. Diante de realidades como essas, a escola precisa desempenhar um papel crucial no entendimento e na prevenção do *bullying,* criando um ambiente seguro e promovendo a educação emocional e o respeito mútuo entre os alunos. No entanto, é importante ressaltar, conforme já ficou evidenciado ao longo deste artigo, que o *bullying* não é resultado exclusivo do contexto familiar, mas também pode estar relacionado a outros ambientes, a exemplo do escolar.

As causas para a prática do *bullying* podem iniciar no seio familiar, com a ausência de inserção de valores e a falta de limites e regras importantes para a convivência em sociedade. O modelo de educação que recebem é incompatível com o necessário para se viver de maneira harmoniosa entre as pessoas, geralmente em decorrência da desestruturação familiar. Ainda, há dificuldade em receber punições em decorrência da violência e da intimidação praticada, pois o agressor acredita, na maioria

das vezes, que a maneira correta para a resolução dos problemas deve ser através da violência (SILVA; BORGES, 2018).

O educador tem, portanto, o dever de observar o comportamento dos alunos, ficar atento aos detalhes, realizar ações que incentivem a paz e o respeito mútuo e, ao verificar um problema, comunicar aos superiores e aos familiares, a fim de encontrar uma solução (SILVA; COSTA, 2017).

A sugestão feita pelo professor P3 foi, unanimemente, aceita por todos os professores, visto que todos concordam que a participação efetiva da família é salutar, pois ela desempenha um papel vital no desenvolvimento do caráter e da personalidade dos alunos. Embora não seja a única responsável, ela é coparticipante de todo o processo e é por meio dessa relação que as crianças e adolescentes têm seu primeiro contato com outros seres humanos e desenvolvem ideias de afeto e solidariedade. Os pais e/ou responsáveis precisam tomar conhecimento dos impactos que o *bullying* ocasiona na vida de seus filhos e tomar as providências que lhes são cabíveis.

P2 retomou a palavra e disse:

> **P2:** Como o *bullying* está presente em nossa escola, conforme pudemos ver com o resultado do questionário dos alunos, é importante ampliarmos essas ações para toda a escola em ambos os turnos, a fim de que a violência não faça parte do nosso contexto escolar. Penso que **as oficinas que fizemos com a participação daqueles alunos, poderiam permanecer e se estender para todas as turmas**. **Podemos fazer ações macro com todos os alunos e depois ações em sala de aula com cada turma**, como por exemplo trazer as psicólogas para fazerem uma palestra para os alunos e os professores no auditório. Após a palestra das psicólogas, podemos fazer um **debate prévio sobre o que é *bullying***, discutir o assunto, a fim de identificar conhecimentos prévios, e, em seguida, fazer a **apresentação de uma peça teatral**, encenando como o *bullying* ocorre na prática. Acredito que os alunos que participaram da pesquisa têm interesse em participar da peça teatral, nós professores poderíamos ajudar a fazer o roteiro da peça, precisamos ser multiplicadores dessas ações. Podemos, também, realizar o teatro com alunos voluntários que demonstrarem aptidão para peça. Seria apresentado o tema para os alunos, ensaiaríamos uma encenação onde os alunos apresentarão esquete teatral, exibindo os diferentes tipos de *bullying* presentes na nossa sociedade.
> A direção do teatro, o texto, o modo de atuação, o cenário, o figurino, entre outras coisas seriam de inteira responsabilidade de nós professores e dos alunos. O objetivo do teatro seria de alertar os alunos sobre a problemática, e essa peça teatral teria a finalidade de desenvolver nos alunos uma reflexão sobre o tema, além de desenvolver e estimular a produção textual, exercitar a expressão oral, corporal e escrita e o comprometimento com a peça. O local utilizado para os ensaios seria a sala de aula, sendo improvisado para atender suas necessidades e a apresentação aconteceria na quadra da escola. Após a peça, seria feito um debate sobre o que assistiram e colocaríamos os seguintes questionamentos: O que sentiram? O que causou? As atitudes apresentadas são corretas? Entre outros questionamentos.

A professora, ao fazer sua análise, aborda algo muito interessante que é ampliar as discussões para toda a escola e não se limitar a um grupo de alunos. Não tem como prever que o aluno da turma A ou B praticará *bullying* e os outros não. Por isso, é salutar que a conscientização seja em toda a escola. A proposta de encenação de peças teatrais é bastante interessante e integradora, pois envolve tanto docentes, quanto discentes e pessoas do administrativo. É uma atividade lúdica, que pode focar tanto

questões de prevenção quanto de combate ao *bullying*, além de exigir estudos mais aprofundados sobre o assunto. Além do mais, é possível expandir seu alcance para fora dos muros escolares, valorizando, assim, o trabalho coletivo da unidade de ensino. Outra questão que merece destaque nessa proposta é o estreitamento nas relações interpessoais, especialmente, entre professores e alunos, queira ou não, é algo que inibe ações de violência.

Segundo os autores Francisco e Libório (2011), devido aos aspectos acima, a prevenção do *bullying* deve ir além dos muros da escola. Para envolver as comunidades e criar mudanças, foi criado o Projeto de Lei da Casa Social e Cultural nº 7, de 2014, que ganhou força no Senado após a tragédia que aconteceu em uma escola do Rio de Janeiro (Tasso da Silveira) chamada de massacre de Realengo. Na ocasião, 7 de abril de 2011, 12 (doze) crianças foram assassinadas por uma pessoa que estudava na referida escola onde aconteceu o massacre. É relatado que o autor era vítima de assédio sexual sistemático por parte dos colegas. Há, ainda, o Projeto de Lei 13.277/2016, promulgado e aprovado pela então Presidenta Dilma Rousseff, que designa o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência nas Escolas, em memórias dessa tragédia de 2011 (BRASIL, 2016).

Prosseguindo a discussão, a professora P4 continua em seguida,

> **P4**: [...]
> A partir das oficinas trabalhamos também, de certa forma, **os temas integradores contemporâneos – TICS**, como: Diversidade Cultural e Cultura Local/Regional, Educação em Direitos Humanos (EDH), dentre outros.
> Trabalhar o *bullying,* de modo que as nossas ações se tornem cada vez mais eficazes, é importante. Precisamos realizar esse trabalho a longo prazo e de maneira contínua, porque estamos lidando com questões comportamentais dos nossos alunos e até mesmo de nós professores. Então, não é uma realidade fácil de mudar diante da sua complexidade, precisamos ampliar as nossas ações. Além de reaplicarmos as 06 oficinas para toda a escola, podemos incluir a palestra e a peça teatral que o professor P2 sugeriu, mas também **criar uma ação de denúncias, depoimentos e queixas anônimas, organizando e apresentado aos alunos uma caixa de denúncias, de depoimentos e de queixas anônimas**, explicando o objetivo e, dependendo da gravidade da denúncia e das queixas, os fatos deverão ser averiguados, com a intenção de tomarmos as devidas providências, **criando com os alunos medidas socioeducativas e um estatuto com regras (combinados) para o combate ao *bullying* na escola**.

Trabalhar os temas transversais em oficinas com alunos amplia conhecimento, abre oportunidades de participação, integra os participantes, além de trazer formação. Percebe-se uma preocupação da professora em trabalhar ações eficazes, e isso é salutar em um contexto de violência ou de prevenção. A professora salienta a relevância de um trabalho a longo prazo, que não seja algo pontual, mas que envolva toda a escola e não apenas um grupo de alunos. É clara a percepção da professora no que diz respeito à complexidade do tema.

Diante do que foi exposto pelos professores, deve-se levar em conta que apenas um projeto para prevenir e combater o *bullying* escolar não é suficiente; por melhor que sejam, as intenções não serão capazes de abarcar a realidade. Por isso, a importância de assumir que não é qualquer tipo de mediação por parte da escola que ajudará a superar a prática do *bullying*, até porque a maioria desses projetos tem um efeito atenuante. Os projetos com alunos devem estar vinculados a um nível mais extensivo, pensado para superar as relações imediatistas e individualistas que excluem os discentes diariamente. Dessa forma, assumem a importância de abordar questões mais estruturais que são vinculas aos fenômenos que geram e permitem aos alunos e à comunidade escolar a compreensão que sua postura reflete da realidade, a partir de determinadas condições objetivas de vida (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2015).

É nesse sentido que ensina Luck (2012), afirmando que o líder da escola é responsável por mobilizar, orientar e coordenar a gestão da aprendizagem, e que isso inclui o preparo dos profissionais na realização de ações que visam esses objetivos. No entanto, esse é um processo que demanda consciência dos fatos, envolve não só a gestão, mas toda a comunidade escolar, como já foi dito anteriormente.

Outra sugestão apresentada pela professora P4 é o espaço de denúncias, sejam elas anônimas ou não, mas que o aluno sinta o quão grave é o assunto e que se sinta protegido e com condições de ser ouvido. Ela chama atenção para um aspecto salutar "[...] os fatos deverão ser averiguados, com a intenção de tomarmos as devidas providências, criando com os alunos medidas socioeducativas e um estatuto com regras (combinados) para o combate e disseminação do *bullying* na escola". Caso contrário, todo o trabalho cairá em descrédito perante o corpo discente da escola.

Vale destacar que entre a Lei nº 7, de 2014 e a Lei nº 13.277/2016, o Senado aprovou a Lei nº 13.185/2015, Lei do Bullying, que também foi promulgada e aprovada pela presidenta Dilma Rousseff. O Art. 1º dessa Lei institui o "Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional", através das Ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e de outras agências relevantes (BRASIL, 2015). Essas ações são aprimoradas por meio do artigo 5º que afirma que "É de responsabilidade das instituições de ensino, clubes e associações de atividades lúdicas, garantir que medidas sejam tomadas para conscientizar, prevenir, diagnosticar e combater a violência e a intimidação sistêmica *(bullying*)" (BRASIL, 2015, p. 2). Dessa forma, todos os envolvidos dentro desse contexto de violência devem ser cobrados e penalizados sobre os casos de *bullying*.

Outra professora que traz uma contribuição valiosa é P1 que diz:

P1: [...]

> Pensei em propormos, como outra ação, **a construção de um livro**, cujo título poderá ser "Casos de *Bullying* na Escola". Esse livro trará histórias vividas ou presenciadas pelos alunos no contexto escolar. Cada aluno ficará responsável por entrevistar os colegas da escola em busca de uma história interessante para que possa ser reproduzida através de texto que comporá o livro. A entrevista será de responsabilidade do aluno. Caberá a ele traçar a estratégia de como alcançar seu objetivo. Em sala de aula, com a contribuição do professor de Língua Portuguesa, o aluno produzirá um texto dissertando o caso de um entrevistado. Todos os alunos deverão escrever um caso, além da produção escrita, o aluno deverá ilustrar o caso escolhido.

Um trabalho de construção de um livro envolve todas as disciplinas e ainda foca no principal objetivo dos documentos orientadores do MEC que é a competência comunicativa, tanto na escrita quanto na oralidade. Imagina-se o sentimento de valorização de um aluno da periferia sendo coautor de um livro, sentindo que ele poderá ser lido por inúmeras pessoas dos mais diversos cantos de sua cidade, de seu estado ou, quiçá do Brasil. A valorização do trabalho desse aluno englobará vários aspectos de sua vida social e pessoal, e uma boa autoestima é um dos caminhos para a não prática de violência das mais diversas formas.

O professor P3 dá continuidade à roda de conversa, trazendo para a discussão uma preocupação bastante interessante, a institucionalização das ações por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP), do documento norteador das ações das unidades escolares.

> **P3**: Para que o referencial didático de ações contra o *bullying* na escola não fique apenas no papel, precisamos nos atentar em **formalizarmos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola**, pois é um instrumento teórico-metodológico em que seu principal objetivo é sistematizar as ações, realizando intervenções para melhorar a realidade escolar, portanto, tem que fazer parte, de fato, das nossas ações contra a violência. [...]
> Outra ação que também podemos pensar seria a de **criar na escola espaços de promoção de saúde mental, de intervenção de combate às práticas de *bullying* e de apoio as possíveis vítimas**.

Diante da fala do professor P3, toma-se posse do que Lopes (2013) alerta para a necessidade de um planejamento, isto é, um Projeto Político-Pedagógico voltado para o problema em exame, pois só assim será possível conduzir ações efetivas que possam diminuir os índices de violência física e psicológica nas escolas. Uma proposta de intervenção para essa problemática deve ser construída com toda a comunidade escolar, e para os casos em que forem identificadas práticas de *bullying,* que sejam estabelecidas regras claras para o combate e prevenção.

Institucionalizar as propostas levantadas é o caminho para que elas não caiam no esquecimento, nem sejam canal de ostentação de nenhum gestor, mas concretizem-se como ações obrigatórias de todo e qualquer diretor escolar. Essa é uma preocupação relevante no tocante à continuidade das ações em um espaço onde a vaidade, muitas vezes, é a principal causa da descontinuidade de trabalhos sérios e comprometidos com o bem-estar dos alunos.

O que entra em voga em trabalhos coletivos é que todos os envolvidos se sentem responsáveis por eles, uma vez que ajudaram a construí-los. A corresponsabilidade, além de valorizar o trabalho não individualiza as ações, especialmente, porque gestores e professores devem agir sempre em busca da excelência do trabalho, cujo foco aqui é a prevenção e o combate ao *bullying*.

O QUE ESSE MOMENTO SIGNIFICOU PARA OS PROFESSORES?

Um momento de discussão tão aprofundada e relevante traz, além de suporte, inquietações, sentimento de pertença e de responsabilidade. Assim também foi para os professores que participaram desse GF, pois reconhecem a oportunidade de mudar a realidade em que estavam inseridos, resignificando a sua prática pedagógica diante do fenômeno do *bullying,* a partir das experiências e vivências que a pesquisa possibilitou ao presenciarem situações de conflitos no cotidiano escolar e não saberem lidar com a problemática.

Para que esse momento tivesse esse significado relevante para os professores foi necessário o gestor da escola, enquanto pesquisador, fazer um trabalho de sensibilização, a fim de que pudesse ter o envolvimento de todos os participantes. Esse olhar sensível iniciou-se quando foi feito o convite aos professores para que participassem da pesquisa, partindo da realidade do contexto escolar. Outro ponto importante do processo foi a apresentação dos resultados do questionário para os professores que demonstraram intensa preocupação diante dos dados revelados.

Esse contexto motivou os professores a se comprometerem em minimizar esse fenômeno do *bullying* na escola, a partir do planejamento das oficinas interventivas, porque ela, a escola, ao acolher esta pesquisa permitiu que todos (pesquisador, alunos e professores), em uma interação colaborativa promovida pelo método da pesquisa-ação, olhassem para a própria história e ressignificassem a condição de desconhecimento de agressão e de vítima.

Tudo isso também com um estímulo a mais e não menor do fato de o pesquisador ser o gestor e não temer olhar para um problema grave como o *bullying*, diante de toda sua complexidade, sob sua responsabilidade e tutela, podendo com seu gesto, de modo indireto, contribuir com a esperança, a segurança e a determinação de enfrentar e mudar as condições encontradas de desconhecimento das vítimas de *bullying;* de negligência nos cuidados relacionais entre os estudantes e os professores; na falta de uma política educacional que contribua para a resolução do problema.

O modo como a presente pesquisa foi conduzida a partir da pesquisa-ação permitiu o comprometimento de todos, fazendo com que fossem capazes de mudar a condição anterior para uma realidade de planejamento e redimensionamento de enfrentamento do *bullying.* Respondendo à pergunta norteadora desta subseção “Qual o impacto desse momento para os professores?”, diria que os

professores saíram motivados a agir não mais apenas como mediadores do conhecimento sistematizado, mas do conhecimento de vida, de valores, de cidadania. Esse é um dado importante do presente estudo ao apontar que, apesar da ausência de capacitação para fins educacionais de tratamento à prática do *bullying*, a ação dos profissionais deve ir além da formação técnica e contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

QUAL O IMPACTO DAS DISCUSSÕES NA GESTÃO ESCOLAR?

As resoluções do *bullying* na escola, a partir da troca de experiência com os professores, demonstraram ter sido positivas, pois criaram nos alunos, participantes da pesquisa, uma sensibilização e respeito mútuo diante da diversidade que compõe o contexto escolar, fruto das oficinas planejadas pelos professores em consonância com o pesquisador.

Tomando todo esse contexto como gratificante, ao ter-se esse olhar tão importante voltado para o tema e tendo em vista que há tempos os professores sentiam a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre a questão, mas não tinham o norte por onde começar, fica evidenciado que esse momento foi extremamente marcante para todos os envolvidos. Ter feito parte desta pesquisa concedeu a esses profissionais suporte técnico e teórico para eles se sentirem preparados e seguros para administrarem certos tipos de conflitos que poderão surgir no dia a dia da sala de aula, o que impacta, exponencialmente, na gestão escolar, sendo ela democrática e coletiva.

Para os educadores com vasta experiência no campo da educação, foi oportunizada a participação em oficinas de intervenção contra o *bullying* dentro de um contexto inovador para cada um deles, fazendo-os entender a importância desse trabalho ser contínuo e, assim, criar um ambiente livre da violência, onde os alunos se sintam felizes, seguros e acolhidos. Porém, para esse trabalho ser contínuo, precisa-se fortalecer, inserindo-o no Projeto Político Pedagógico, pois acredita-se que dessa maneira serão colhidos os frutos dessas ações trabalhadas a longo prazo.

Em suma, sendo o diretor uma figura que prima pela parceria na gestão, que compreende a participação coletiva como primazia, que vê o aluno como um ser cheio de vida e com grandes contribuições, é capaz de transformar uma realidade escolar cheia de problemas em um ambiente em que todos se respeitam e se reconhecem como cidadãos de fato e de direito.

CONCLUSÃO

O presente estudo tratou de um contexto que é uma realidade nas instituições brasileiras, o *bullying* no contexto escolar, sendo importante para enriquecer a literatura educacional brasileira, que

necessita de novas publicações e pesquisas acerca do tema, bem como para um vasto público, desde professores, pesquisadores e estudantes universitários, que acreditam na possibilidade de uma educação de qualidade, igualitária e com equidade, que respeite as diferenças que compõem a pluralidade do contexto escolar.

Através das discussões apresentadas com os professores e a direção escolar, verificou-se que eles (i) acreditam que o *bullying* influencia comportamentos emocionais negativos e interfere no rendimento escolar dos alunos; (ii) enxergam no alinhamento da escola com a família e na qualificação uma possibilidade de combater o *bullying*; (iii) entendem que a ausência de capacitação e os *déficits* na atuação da escola dificultam o desenvolvimento do tema no ambiente escolar; (iv) acreditam que a articulação entre professores e alunos deve ocorrer por meio da conscientização, do desenvolvimento de ações e da atuação do professor.

Dessa forma, ressalta-se que o papel do gestor e dos professores frente aos desafios postos pela prática de *bullying* nas escolas é de extrema relevância, tanto na prevenção quanto no combate, pois os docentes estão sempre em contato direto com os alunos e, dessa relação, podem perceber se tais ações estão presentes e, assim, buscarem, junto ao diretor escolar, viabilizar ações que inibam tais práticas. Um trabalho de conscientização não se dá de uma hora para outra, mas é um processo que envolve todas as parcerias possíveis, ou seja: família, alunos, professores, administradores e colaboradores em geral. Aos gestores, cabe valorizar as relações inter e intrapessoais, implementar as ações de prevenção e combate aos atos de violência e punir os envolvidos quando for necessário.

É importante ressaltar que a escola, por si só, não pode resolver todos os problemas sociais e familiares que afetam os alunos. Existem outras instâncias e sistemas que devem ser acionados para abordar essas questões de forma mais abrangente. No entanto, a escola desempenha um papel crucial na ampliação do mundo dos alunos, na construção de narrativas que possam mudar a história e no fornecimento de oportunidades de reconhecimento e superação do isolamento.

Como sugestões de novas ações, elencou-se: engajar os pais nas atividades; convidar especialistas, a exemplo de psicólogos, para darem suporte aos trabalhos de discussão; realização de palestras; encenação de peças teatrais com os alunos e professores; criação de um canal para denúncias e sugestões que poderão ser anônimas; publicação de um livro com histórias de *bullying* coletadas e escritas pelos alunos; criação de um espaço de apoio às vítimas de violência, o que ajudaria no combate aos atos e, por fim e não menos importante, adotar medidas socioeducativas sérias e eficazes contra os agressores. Para que todas essas sugestões sejam implementadas e ter-se a garantia de que terão continuidade, deve-se inseri-las no PPP da escola.

Nunca é demais lembrar que esta pesquisa aplicada tem relevância social, visto que trata-se de uma temática necessária e urgente para a escola do século XXI, cujos efeitos serão sentidos numa sociedade melhor, onde possam reinar harmonia, paz e humanidade entre as pessoas, sobretudo, a transformação de alunos, que passarão a desfrutar de resultados positivos no processo ensino/aprendizagem e sentirão impactos relevantes na sua autoestima.

Em suma, uma escola não tem como realizar um trabalho isolado, individualizado, é preciso ter a primazia da coletividade, das responsabilidades compartilhadas e do respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. T. "Recomendações para a prevenção do *Ciberbullying* em contexto escolar: uma revisão comentada dos dados da investigação". **Revista Educação, Ciência e Cultura**, vol. 19, n. 1, 2014.

BRASIL. **Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Brasília: Planalto, 2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 18/07/2023.

BRASIL. **Lei n. 13.277, de 29 de abril de 2016**. Brasília: Planalto, 2016. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 18/07/2023.

CÉZAR, N.; PASSOS, L. A.; CASTILHO, S. D. "*Bullying* nas escolas: preconceito, estigmas e desafios da educação dos sentimentos e para a paz". **Revista e-Curriculum**, vol.15, n. 3, 2017.

CRUZ, C.; LOPES, P, L.; OLIVEIRA, F. S. "O gestor escolar e os desafios do *bullying*: identificar, dialogar, gerir toda a equipe e ajudar". **Pedagogia em Ação**, vol. 9, n. 1, 2017.

DREYER, D. "A brincadeira que não tem graça". **Educacional Sala de Aula** [2015]. Disponível em: <www.educacional.com.br>. Acesso em: 06/08/2023.

FELIZARDO, A. R. ***Bullying* escolar**: prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa. Curitiba: Editora Inter Saberes, 2017.

FELIZARDO, A. R. ***Bullying***: a violência que nasce na escola. Curitiba: Editora Inter Saberes, 2019.

FERREIRA, D. G.; MENDONÇA, J. G. R. "O fenômeno *bullying* no ambiente pedagógico: estudo dos aspectos históricos e conceituais baseados nas diferenças sociais e culturais". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. "Notas sobre alguns desdobramentos necessários nos programas de combate ao bullying escolar: uma análise histórico-cultural". **Revista Interacções**, vol. 11, n. 38, 2015.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. "Reflexões sobre a superação de concepções individualizantes sobre o bullying escolar". *In*: RIBEIRO, A. I. M. *et al* (orgs.). **Educação contemporânea**: caminhos, obstáculos e travessias. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011.

GAFFNEY, H.; TTOFI, M, M.; FARRINGTON, D. P. “Eficácia de programas escolares para reduzir a perpetração e vitimização do bullying: uma revisão sistemática atualizada e meta-análise”. **Campbell Systematic Reviews**, vol. 17, 2021.

GODOY, H. P. “Interdisciplinaridade: uma nova abordagem científica? Uma filosofia da educação? Um tipo de pesquisa?” **Revista Interdisciplinaridade**, n. 4. 2014.

LOPES, V, C. **O papel do coordenador pedagógico frente aos conflitos vivenciados no cotidiano escolar no centro de ensino fundamental em samambaia** (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica). Brasília: UnB, 2013.

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas**: contribuições psicopedagógicas (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional). Brasília: UnB, 2011.

LUCK, H. **Liderança em Gestão Escolar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MASCARENHAS, S. “Gestão do *bullying* e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia)”. **Revista Psicologia, Saúde e Doenças**, vol. 7, n. 1, 2006.

OLIVEIRA, W. C. **O papel do professor diante do *bullying* na sala de aula** (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância). Curitiba: UTFPR, 2012.

SCHULTZ, N. C. W. *et al*. “A compreensão sistêmica do *bullying”*. **Psicologia em Estudo**, vol. 17, n. 2, 2012.

SILVA, A. B. B. ***Bullying***: Mentes perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

SILVA, C. S.; COSTA, B. L. D. “Opressão nas escolas: o *bullying* entre estudantes do ensino básico”. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 46, n. 161, 2017.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. “*Bullying* nas escolas”. **Revista Direito & Realidade**, vol. 6, n. 5, 2018.

SILVA, S. G. N. “O papel do orientador educacional mediante o *bullying*”. **Revista Pesquisa em Foco,** vol. 19, n. 1, 2011.

SIQUEIRA, E. P.; MODESTO, J. G.; BESSA, S. “‘Professor como vítima?’: Um estudo sobre o *bullying* vivenciado pelo professor”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023.

SOUZA, B. M. *et al*. “Desafios da supervisão escolar: o papel do supervisor escolar no planejamento participativo-escolar”. **Conjectura: Filosofia e Educação**, vol. 22, n. 3, 2017.

TESSARO, M.; TREVISOL, M. T. C. “Formação de professores e o manejo de situações de bullying na escola: o que as pesquisas têm indicado?” **Revista Prâksis**, vol. 3, 2020.

VALENTIM, R. A. M. *et al*. (orgs.). **Inovação tecnológica em educação à distância**: uma abordagem convergente. Natal: Editora da UFRN, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 44| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima